

CAPÍTULO VII – OS JESUÍTAS E O ENSINO UNIVERSITÁRIO – A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco António Lourenço Vaz

A Fundação da Universidade de Évora, em 1559, está ligada a duas figuras emblemáticas da História de Portugal: o Cardeal D. Henrique e D. Sebastião, o Rei-menino. Ambos e por diversas vezes estiveram presentes, quer nas primeiras cerimónias da instituição, quer nos atos públicos de estudantes, tal como aconteceu em Fevereiro de 1570 que, juntamente com toda a Corte, que então estanciava em Évora, assistiram às provas de doutoramento em Teologia do P. Inácio Martins, que foi o primeiro Professor de Artes em Évora³³. Aos dois patronos deve a instituição os seus primeiros estatutos, bem como os edifícios e as avultadas rendas para assegurar os estudos.

No caso da Universidade de Évora, tal como em outras instituições, importa que não percamos de vista o terreno onde a planta surgiu, ou seja, as condições que presidiram à sua criação. Por isso, mais do que aos patronos, a Universidade deve a sua existência ao contexto cultural e político de meados de quinhentos e sobretudo à criação da Companhia de Jesus, em Paris no ano de 1534. A iniciativa de fundar uma universidade em Évora partiu dos jesuítas que para isso desenvolveram todos os esforços, derrubando os muitos obstáculos que se levantaram, entre os quais avultou a oposição dos Lentes de Coimbra, que tudo fizeram para assegurar o monopólio do ensino universitário em Portugal.

Neste trabalho descrevemos o contexto cultural e político em que foi fundada a Universidade de Évora, integrando-a na rede universitária dos jesuítas, bem como nos objetivos reformistas, que a Companhia assumiu, e que se articulavam com o espírito transnacional que desde o início imprimiram no ensino.

³³- D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique assistiram também em Março desse ano à cerimónia de “tomar o grau” de Doutor em Teologia do P. Inácio Martins. Franco, 1719, p. 403.

O Contexto Cultural e Político

O século XVI é uma era da História marcada com o símbolo da modernidade. Época em que o Renascimento e o Humanismo atingem o seu apogeu, com realizações que continuam plenas de atualidade, basta lembrar as pinturas de Leonardo da Vinci, as esculturas de Miguel Ângelo e os poemas de Luís de Camões para comprovar que este é um século de ouro nas Belas Artes e Belas Letras. Mas foi também era de grandes convulsões, de conflitos religiosos e de debate extremado sobre o Cristianismo, entre dois campos antagónicos e que invocarão a mesma bandeira ideológica, a mesma cartilha ou manual. De facto, ambos têm no Evangelho a mensagem, ambos invocarão o mesmo Mestre para evangelizar os fiéis. A historiografia tem analisado esse confronto, bem como as guerras de religião que se prolongaram pelo século XVII e dilaceraram a Europa (Delumeau, 2012 e Peronnet, 1981).

No centro deste furacão, que abalou a ortodoxia reinante e dividiu o Cristianismo, um homem que, tal como Lucien Febre escreveu, teve um destino marcado pela Fé: Martinho Lutero. O historiador francês na biografia do pai da reforma protestante questiona as visões tradicionais sobre a ação de Lutero, muito presas a luta ideológica entre autores protestantes e católicos e valoriza o papel do homem, da sua consciência e do seu caminho para encontrar a verdade. Dai que conclua que foi na consciência do jovem monge que germinaram as sementes dessa rutura com a Igreja.

O jovem professor de Teologia na Universidade de Vitemberga concretizou a rutura redigindo um manifesto, as 95 teses contra as indulgências. O ano de 1517 marca a divisão que levará a condenação de Lutero e ao início das hostilidades entre os que o seguiam e a Santa Sé e o seu exército de fiéis. Na dieta de Worms em 1521 a divisão passa a ser irreversível, Lutero perante o imperador e o legado papal não cedeu, e proclamou com coragem as suas ideias: “Retractar o que quer que seja, não posso nem quero, porque agir contra a própria consciência não é nem verdadeiro nem honesto” (Lutero, cit. Febvre, 1976, p. 28).

Faz todo o sentido invocar a ação de Lutero e o início da reforma protestante, porque na génese da Companhia de Jesus está este confronto e divisão da seara cristã. E também na origem da Companhia está um homem de

coragem, que soube vencer as contrariedades e concretizar as suas ideias. Há um paralelismo que se pode estabelecer entre Lutero e Inácio de Loiola, ambos imbuídos de Fé e desejosos de encontrar a Verdade. Ambos lendo a mesma mensagem, mas tirando ilações diferentes. Ambos começando no ambiente universitário a sua luta e debatendo com os mestres do seu tempo as grandes questões teológicas e também ambos pregadores da Palavra, o que demonstra como, no século em que viveram, o sermão constituía um dos meios de comunicação e informação fundamental para afirmar e arregimentar os discípulos.

Para compreender a ação dos homens no contexto do século XVI, e neste caso de dois dos grandes reformadores, há que ter em consideração a estrutura mental, a mentalidade que os leva a agir. No contexto do século XVI, a crença era uma necessidade mental para todos; não se podia ser ateu, pela simples razão que os homens não dispunham de suporte conceptual que dispensasse a crença, precisavam de acreditar em Deus e no Diabo eram dados estruturantes (Febvre, 1942). Não é assim de estranhar que o século esteja cheio de homens de fé e leitores atentos do Evangelho: Erasmo, Lutero, Rabelais, Calvino, Inácio de Loiola, Francisco Xavier e tantos outros. Depois o que cada igreja faz com a crença está mais a nível da estrutura social e política vigente. Assim a Igreja Romana defenderá até a Revolução Francesa uma aliança estreita entre o trono e o altar, fundamentada no direito divino dos reis e com argumentos retirados da Sagrada Escritura. Nesta ideologia política os homens são súbditos, ou seja sujeitos a autoridade real e à hierarquia que a sustenta, a atitude dominante do súbdito é “obedecer sem pensar” (Bossuet, 1702). O poder e a Igreja criam uma rede de mediadores, entre o homem e o Rei, os nobres, e entre o homem e Deus, o clero.

O acesso ao poder e à salvação da alma, na Igreja Católica, passa por esses mediadores, uns e outros concertados para garantir a coesão do poder político e da crença. Para essa finalidade o poder e a Igreja lançam mão dos meios de informação disponíveis, dos meios que a ciência e técnica vão criando. No caso da manutenção e reforço da crença, que é o que nos interessa neste trabalho, numa sociedade em que o discurso oral tem um predomínio, ganham destaque como meios de mediatização para endoutrinação das massas: o catecismo, o sermão, o confessionário e os rituais litúrgicos, sobretudo os que

assumem um carácter de grandes eventos públicos, nomeadamente, as missas solenes, os auto-de-fé e as peregrinações.

Paralelamente o discurso escrito, que estava ao alcance de uma minoria, sofreu uma alteração estrutural e que desde meados do século XV anunciava uma nova era no acesso ao livro e a leitura. A Revolução da Imprensa terá neste confronto, entre as igrejas cristãs, um papel determinante que Henri Martin e Lucien Febvre descreveram a ponto de podermos dizer que a Reforma e Contra Reforma constituíram a primeira grande campanha da imprensa e foram mesmo o berço da imprensa periódica(Febvre e Martin, 2000). Dai que tenha sido também no século XVI que, sobretudo nos países católicos, se reforçaram os meios de controlo sobre o livro e a leitura, através do Index, dependente do Santo Ofício da Inquisição, que foi reformada e adaptada aos interesses da Igreja e do Estado.

Descrito o contexto que nos ajuda a compreender os factos e ações dos homens, vejamos agora os intérpretes, os que criaram a Universidade de Évora. E nesta criação o papel fundamental, como referimos, foi o da Companhia de Jesus, portanto é com Inácio de Loiola (1491- 1556) que devemos começar.

A Companhia de Jesus

Após a sua conversão, Inácio de Loiola iniciou um périplo que importa cartografar em síntese, pois está na génese da Companhia de Jesus. Entre 1522 e 1525 Inácio é o peregrino, a santuários marianos, Roma e à Terra Santa, com o objetivo final de aí permanecer, onde de facto foi no ano de 1523, mas de onde regressaria no início ano de 1524. Terminada a fase de peregrino Inácio inicia em Barcelona os estudos, com o patrocínio de Isabel Roscer sua benfeitora, começando pela Gramática e Latim, indispensável para qualquer eclesiástico. Em Barcelona tem já alguns companheiros: Calixto de Sá, Lopes de Cáceres e João de Arteaga (Câmara, 2005, p. 81). Em 1526 partiu para Alcalá a fim de estudar Artes, onde se lhe juntou mais um companheiro: o francês João Reynalde.

O estilo de vida de Inácio de Loiola e dos companheiros não podia deixar de despertar a curiosidade e espanto, quer pelas práticas a que se dedicavam: ensinavam a doutrina, viviam de esmola e praticavam a caridade; quer pelo

vestuário: andavam descalços, vestidos com saiotos de burel. Por este facto eram chamados de “*ensaiados*” e “*alumbrados*” (Câmara, 2005, p. 83). Este estilo originou a oposição da elite eclesiástica, foi desencadeado um processo de averiguações pela Inquisição, e o Vigário de Alcala determinou que não podiam andar vestidos todos do mesmo modo, pois não eram religião e pouco depois chamou de novo Inácio e ordenou-lhe que não andasse descalço. Seria alguns meses depois preso e na prisão permaneceu 40 dias, saindo com a condição de passar a vestir como os outros estudantes e não pregar nem ensinar a doutrina pois não tinham estudos suficientes para esse ensino (Cmara, 2005, p., 89). Perante a sentença Inácio fica em dúvida pois proibiam-lhe ensinar a doutrina e por isso vai ao arcebispo de Toledo que lhe recomenda passar a Salamanca para continuar estudos.

Em Salamanca entrou em confronto com os dominicanos, mais uma vez por pregar a doutrina, foi preso juntamente com Calixto de Sá e depois mais dois companheiros. Ao fim de vinte e dois dias de prisão, libertaram-nos por não se encontrar nenhum erro, nem na vida nem na doutrina e por isso podiam continuar a fazer como faziam antes, ensinando a doutrina e falando de coisas de Deus, mas não podiam dizer o que era ou não pecado mortal, ou venial, por não serem ainda graduados. Mais uma vez Inácio não se conformou com a sentença³⁴, porque lhe proibiam de dar o auxílio espiritual às pessoas que o procuravam e perante a situação decidiu ir estudar para Paris.

Inácio de Loiola chegou a Paris em 2 de Fevereiro de 1528, aí frequentou o mesmo Colégio universitário de Monteagudo que João Calvino e Rabelais, seguindo as lições dos mesmos mestres e assimilando as mesmas verdades científicas. Em Paris pode acompanhar o confronto que marcava a vida universitária, entre os defensores das ideias evangélicas, de Lutero, Calvino, Melanchton e Zuinglo, e os teólogos da Sorbonne, os papistas, que insistiam na ortodoxia e na autoridade da Igreja e dos seus ministros para ler e interpretar a Bíblia. Ciente da necessidade de defender a Igreja, dos ataques dos reformistas, no dia 15 de Agosto de 1534, faz o celebre voto de Montmartre, juntamente com

³⁴ - “O peregrino disse que faria tudo o que a sentença mandava, mas que não a aceitaria, pois, sem condená-lo em coisa alguma, fechavam-lhe a boca para que não ajudasse os próximos no que pudesse”. (Câmara, 2005, p. 96)

seis colegas: o francês Pedro Fabro, os espanhóis, Francisco Xavier, Alfonso Salmerón, Diego Laynez e Nicolau de Bobadilla, e o português Simão Rodrigues. Com esse voto, feito durante a missa celebrada por Pedro Fabro, o único que era já sacerdote, “prometeram dedicar-se de alma e coração ao bem e a salvação dos homens, vivendo em pobreza, para imitar Cristo, e ir juntos à Terra Santa” (Pedroso, 2007, p. 68) e aí ficar o resto da vida. Prometeram também que, caso não conseguissem embarcar ou permanecer em Jerusalém, então regressariam a Roma e colocariam as suas vidas nas mãos do Sumo Pontífice para que os “empregasse no que julgasse ser de maior glória de Deus, e proveito das almas” (Câmara, 2005, p. 98).

A historiografia tem visto este voto como a origem da Companhia de Jesus e esta génese universitária marca todo o desenvolvimento e ação da Companhia e implica um compromisso a nível do ensino e pedagogia. Compromisso que passou por refutar a atitude crítica do espírito humanista, de Erasmo, de Maquiavel e de Thomas More, mas ao mesmo tempo exigia uma profunda reforma da Igreja Católica, sobretudo a nível da disciplina eclesiástica e definição clara dos dogmas. Compromisso que respondia também à urgente necessidade de missionação e evangelização dos povos que a expansão marítima tinha trazido para o domínio dos monarcas ibéricos. Assumiu-se assim uma vocação pedagógica e missionária para a Companhia: primeiro a formação de um exército de missionários, depois a criação de missões para evangelizar os gentios (Vaz, 2012, p. 11). Os colégios e as universidades criadas pelos jesuítas tinham deste modo uma função social evidente e respondiam às necessidades da sociedade do seu tempo; formavam jovens para os cargos públicos e missionários para evangelizar os povos. Combatiam a heresia, ensinavam o catecismo aos gentios e ignorantes.

Os Meios ao Serviço da Palavra

Importa reter a conversão de Inácio, a sua demanda pela santidade e depois o seu percurso de estudante universitário porque foi o paradigma de vida para os jesuítas. O estilo dos primeiros jesuítas era um forte meio para impressionar o público e conquistar a sua adesão. De facto foi com a conquista do espaço público e recorrendo aos meios disponíveis, através da palavra e da

escrita, que os jesuítas ganharam notoriedade e influência, no contexto da monarquia absoluta e nos países católicos, para alcançarem a adesão das gentes da nobreza e do povo. O primeiro meio e o mais elementar, numa época em que o discurso oral era dominante na comunicação de ideias, foi o sermão: pregar as verdades da Fé e ensinar o catecismo, admoestar os crentes brandindo a ameaça do castigo divino. Não tinha Cristo usado da palavra para anunciar a Boa-Nova? Era um imperativo dos seus discípulos continuar essa missão. A pregação para ensinar a doutrina devia depois ser completada com o exemplo, a prática e também aqui o Evangelho ditava o essencial: pobreza e caridade.

Um bom exemplo da atuação dos jesuítas é o da sua chegada a Portugal, a sua tentativa para serem aceites na Corte e posteriormente estabelecerem estudos primeiro em Coimbra e depois em Évora. Para esse fim, ainda em Roma, os Jesuítas, sobretudo o português Simão Rodrigues, convenceram o representante Português na Cúria Romana: D. Pedro de Mascarenhas, a propor ao Rei D. João III, os companheiros de Mestre Inácio para Missionários da Índia Oriental e assim logo no primeiro ano da fundação da Companhia (1540) veio Simão Rodrigues a Portugal.

Os jesuítas tiveram aceitação em Portugal porque, imitando Inácio de Loyola, foram autênticos na doutrina evangélica e usaram a força dessa autenticidade como meio de persuasão para grandes e plebeus. Depois e de forma inteligente compreenderam os benefícios dessa encenação: fazer penitências públicas em Lisboa e depois Coimbra e Porto, andarem rotos, irem os noviços ao Palácio Real quase nus, era um espetáculo que dava o poder da imagem. Teles relata como os noviços foram enviados por Simão Rodrigues à presença do Rei:

[...]que o mesmo Rei se edificava de os ver vestidos em pelotes com mantos curtos, com uma cana por bordão, e com alforge pendurado de um tiracolo de ourelos: por sinal que entrando nesta postura diante de El Rei, e da Rainha, o irmão D. Rodrigo de Menezes, chorou mil lágrimas uma Senhora, dama da Rainha, e irmã de D. Rodrigo (Telles, 1645, p. 46).

Como a fé move montanhas, assim Inácio superou as várias provas e obstáculos que teve: prisão em Salamanca, arquitetada pelos dominicanos e a Santa Inquisição, oposição dos franciscanos a sua permanência em Jerusalém. A mesma fé e vontade vemos em Simão Rodrigues para estabelecer a Companhia em Portugal. A sua chegada e aceitação é um bom exemplo do *modus operandi* dos primeiros jesuítas. Recebido pelo Rei no Paço, Mestre Simão pede a D. João III que lhe permita continuar com o seu estilo de vida: continuar a residir no Hospital de Todos os Santos para cuidar dos enfermos, pedir o viático (ou esmola) de porta em porta, fazer penitências públicas. Ora é precisamente este estilo de vida que gera o espanto, e até lágrimas na Corte. Quem é que podendo obter o conforto e as regalias de uma vida tranquila e até abastada a trocava por uma vida de mendigo? A vontade a persistência de Simão Rodrigues será comprovada na sequência dos acontecimentos e no ano de 1548, com o caso de D. Teotónio, irmão do Duque de Bragança e que ingressou na Companhia, gerando um conflito com o Duque que intercedeu junto do Rei D. João III para anular o ingresso de D. Teotónio. O Rei viria a concordar com o Duque de Bragança, e ordenar a mestre Simão para restituir a vida leiga o jovem irmão do duque, ao que o Padre terá respondido:

[...] que se Sua Alteza se resolvia a mandar tirar D. Teotónio do Colégio de Coimbra, que aos mesmos ministros de tal execução, desse ordem para se entregarem do mesmo colégio, e de todas as doações, e provisões reais, que estivessem feitas à Companhia; e que ele e os mais religiosos tratariam de ir servir a Deus em outra parte; porque não era bem que a Companhia ficasse em Portugal, aonde tao grande força, e tal afronta lhe faziam).(Telles, 1645, p. 439).

Mestre Simão revelou assim que prezava e queria que a Companhia fosse livre de pressões de seculares, mesmo que estes fossem da nobreza e realeza. Ou seja, nobres e rei nada mandam em questões de vida dos religiosos e a Companhia tem como autoridade máxima, não o Rei mas o Sumo Pontífice. A solução deste assunto passou por enviar D. Teotónio para Roma e para obter a mediação superior do Patriarca da Companhia, Inácio de Loiola, que decidiu,

depois de consultar Deus e o rei, libertar D. Teotónio da obrigação dos votos da Companhia (Telles, 1645, p. 443)³⁵.

Além da pregação e do ensino do catecismo os jesuítas foram mestres no uso do confessorário para com ele obterem adesão do público, sobretudo dos grandes do reino e da família real. O controlo da consciência e a remissão dos pecados eram dados fundamentais no contexto social de quinhentos e assim continuaram a ser por muitos anos. Por isso devemos olhar para esse poder, em especial o cargo de confessor dos membros da família real, como decisivo e, embora ele tenha sido exagerado pela historiografia anti-jesuitica (Silva, 1767), não pode ser ignorado que foi desde início utilizado pelos jesuítas, para obter influência e benesses. Vejamos alguns exemplos. Mestre Simão passou a ser o preceptor do príncipe herdeiro, D. João, e o seu confessor a partir de 1543, recusando mesmo o bispado de Coimbra que lhe fora oferecido pelo Rei nesse mesmo ano. Como depois resumirá o autor da *Dedução Cronológica e Analítica* os jesuítas empenharam-se em ser os confessores da família real: em 1555 o P. Miguel Torres passou a ser o confessor de Dona Catarina, em 1556 o P. Luís Gonçalves passou a ser confessor de D. João III e substituiu o P. Simão no importante cargo de Mestre e Confessor do Príncipe herdeiro, D. João e em 1562 o mesmo P. Miguel Torres passou a ser Confessor do Rei D. Sebastião. Estes cargos de confessores e de preceptores do Príncipe herdeiro, serão decisivos para os Jesuítas exercerem um controle das consciências e de e de preponderância na Corte e por essa via dominarem a vida política³⁶.

³⁵ - O Jovem Teotónio ficou assim desobrigado dos votos e foi viajar pelas cortes estrangeiras, já que os familiares não lhe davam grandes rendimentos (segundo Teles só tinha de renda uma igreja de Trás-os-Montes) e foi por intercessão da Companhia que obteve finalmente um lugar de grande renda: o arcebispado de Évora, quando o cardeal D. Henrique renunciou em favor desse sobrinho no ano de 1578. A renda da mitra era superior a 80.000 cruzados. Como arcebispo de Évora favoreceu os jesuítas e viria a falecer já depois dos 70 anos, em Valhadolid onde foi em viagem para estar na Corte de Filipe III, em, 29 de Julho de 1602.

³⁶ - Após a morte de D. João III, e dada a tenra idade de D. Sebastião, assumiu a regência D. Catarina e grande era a divisão na Corte para escolher o preceptor para o futuro Rei, mas os jesuítas conseguiram esse importante cargo e deste modo passaram a influenciar a vida política: « Declarado pois o dito Luís Gonçalves da Camara Mestre daquele monarca (D. Sebastião). Ao mesmo tempo que Miguel Torres era Confessor da Senhora Rainha dona Catarina, e o Padre Leão Henriques do Senhor Cardeal infante D. Henrique; e erigidos todos em árbitros daquelas reais consciências» 30 . Nesta obra se considera que os jesuítas se uniram para levar a abdicação da Rainha em 1562.

A proteção de D. João III foi determinante para os jesuítas fundarem os seus primeiros estabelecimentos em Portugal, a casa de Santo Antão (em 1542) e o Colégio de Coimbra (1542 com novo edifício, a partir de 1547)³⁷. Seguiu-se o Colégio do Espírito Santo de Évora.

A Fundação da Universidade de Évora

A autoridade política necessária para fundação de qualquer universidade foi concedida, no caso de Évora, pelo Infante D. Henrique, que inicialmente não era simpatizante da Companhia de Jesus, mas que por diligência de seu irmão o Infante D. Luis seria o grande protetor dos Jesuítas. O Infante D. Henrique nasceu em 31 de Janeiro de 1512, era o quinto filho varão de D. Manuel I e de sua segunda mulher Maria de Aragão. Foi Arcebispo de Braga (1533), primeiro Arcebispo de Évora (1540), Arcebispo de Lisboa (1564) e ainda Inquisidor-mor (1539) antes de receber o título de Cardeal (1546). Foi aclamado regente do reino em 1562, e Rei em 1578, após a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir.

A historiografia portuguesa tem sublinhado o papel que o Cardeal D. Henrique no apoio às letras e igualmente no enriquecimento artístico da cidade de Évora (Polónia, 2006). O Infante D. Henrique chegou a Évora para exercer o seu episcopado ainda jovem com cerca de 28 anos e naturalmente imbuído de vontade de deixar obra para a posteridade e a bem da cidade. Dada a falta de clero devidamente habilitado pensou em criar um colégio de cónegos regrantes, primeiro em Coimbra mas a conselho do seu irmão o Infante D. Luís decidiu-se por Évora e também a dar esse colégio à Companhia, o que aconteceu no ano de 1554.

Já em 1550, os jesuítas tinham sido chamados pelo arcebispo e por seu irmão D. Luís, então Prior do Crato, para realizar missões no Alentejo e no contexto nacional em que se dedicam à missionação em outras províncias, nomeadamente, no Minho, Beiras, Douro e no Algarve. No arcebispado de Évora nesse ano estiveram em missionação oito padres jesuítas, tendo-se destacado

³⁷ - A este propósito, Telles refere a “liberal promessa” de D. João III feita a Mestre Simão Rodrigues nos primeiros anos do Colégio de Coimbra. Como o Rei se espantasse do colégio contar apenas com 25 noviços, nesse ano de 1542, e o P. Simão respondesse que não tinham meios para aumentar este número, D. João III terá dito: «Padre, não ponhais termo algum ao Espírito Santo, recebei na Companhia quantos quiserdes, que eu darei sustentação para todos», Telles, 1645, p. 118.

pelos seus dotes o P. Manuel Fernandes. O *modus operandi* destes missionários, no Alentejo e no Algarve, era o estilo já acima referido:

Todos iam a pé, com bordões na mão, e com um alforjinho, em que levavam o seu Breviário, com uma Bíblia, e algum outro livro espiritual; nenhum dinheiro levavam, nem outro provimento, por irem mais entregues nas paternais mãos da providência divina; pediam esmola de porta em porta, dormiam no chão, ou pelas eiras no campo, e pelas casas pobres, e hospitais nos povoados, sem permitirem nenhum outro gasalhado; procediam com tanta pobreza, com tal modéstia e humildade, que o muito fruto que recolhiam mais o alcançavam por eficácia do exemplo de suas pessoas, que por eloquência de seus sermões (Telles, 1645, p. 523).

Chegados a uma localidade e depois da devida autorização do pároco, percorriam a aldeia tocando uma campainha, para juntar o povo e “fazer a doutrina”, isto é ensinar o catecismo. Este ajuntamento era após o toque das trindades (as Ave Marias), ao entardecer e depois dos populares deixarem as lides agrícolas. Juntavam as gentes na igreja ou em algum alpendre e aí ensinavam o catecismo e pregavam contra os vícios, apelando a conversão dos crentes.

Terá sido a fama destes missionários que levou Provincial da Companhia em Portugal o P. Simão Rodrigues a enviar logo no ano seguinte, 1551, alguns padres de Coimbra, para fundarem um colégio em Évora. Esta chegada dos jesuítas a Évora ocorre no ano que marca a afirmação da Companhia no contexto europeus: o Imperador Fernando I, irmão de Carlos V, deu início à construção do Colégio dos jesuítas em Viena; em Nápoles alguns senhores promoveram a fundação do Colégio dos Jesuítas e, também nesse ano, por petição do cardeal Lotharingia, entrou a Companhia em Paris.

A chegada dos padres da Companhia a Évora documenta bem o que referimos sobre o estilo de persuasão seguido pela Companhia e também a oposição com que contou em particular das elites eclesiásticas da cidade. Telles descreve na sua crónica o percurso dos 11 que partiram de Coimbra, número já de si simbólico e de grande carga doutrinal³⁸.

³⁸ - “Eram onze em memória dos discípulos de Cristo e esperavam não ter nenhum judas no novo Colégio”. Telles dá-nos os nome dos 11 . P. Melchior Carneiro (nomeado 1º Reitor do Colegio e depois de Niceia na Etiópia), João Cavilhonio (que seria depois teólogo do Duque da Baviera no

Chegados a Évora foram recebidos pelo Arcebispo e ficaram acomodados numas casas da rua da Mesquita, onde depois se instalou o Colégio da Madre de Deus. Depois passaram para umas casas na rua da Freiria, atrás da Sé, porque moravam ali os freires de Avis, seguidamente foram acomodados nos Paços Reais e só em 1554 passaram para o novo Colégio. Estas sucessivas mudanças mostram alguma indefinição, por parte do Cardeal que pensara já na fundação do Colégio e descontentamento a nível local, o que leva o cronista a dizer: “ Parece que não podia o demónio ver-nos com casa e assento na cidade de Évora” (Telles, 1645, p. 554). De facto, entre 1551-1554 os Jesuítas ainda não tem garantido a posse do Colégio e só em 1554 o arcebispo se decide a dar esse Colégio à Companhia.

Para persuadir os jesuítas usaram do tradicional estilo, que incutia o espanto nas gentes³⁹. Mas também por causa da aceitação, começam as ciladas; a primeira arquitetada pelo Cabido da Cidade, que espalhou a historia de dois supostos jesuítas, dois homens disfarçados e vestidos como os padres, que terão jogado toda a noite em casa de um capitular, e afirmado que esse era o seu procedimento normal e portanto a modéstia e rigor ascético que os jesuítas ostentavam não passava de “fingimento e hipocrisia”⁴⁰.

Outra cilada foi a de um novo falso jesuíta, dizendo que se chamava Diogo de Jesus. Este falso jesuíta entrava nas igrejas confessavam as gentes, dizendo ter grandes poderes e que podia absolver todos os casos reservados; dava a mão a beijar e no fim da confissão pedia dinheiro a pretexto de construir um retábulo para a Companhia. Este peditório gerou muito descontentamento no povo e criou má fama a Companhia. Contra cilada os jesuítas contaram com um grande aliado: um velho sacerdote de nome Vicente Rodrigues que decidiu investigar e que veio a descobrir que os autores desta cilada eram “dois clérigos de muito despejo, e de pouca consciência” e que enquanto eles jogavam os

concilio de Trento), Manuel Fernandes, quatro irmãos teólogos, companheiros de D. António: Pero da Fonseca; Miguel de Barros; Afonso Barreto (pessoa nobre); Manuel Vaz (que depois foi doutor em Teologia) e três irmãos coadjuutores.

³⁹ - «Era o exemplo dos nossos, na modéstia de suas pessoas, na pobreza de seu trato, na humildade de suas ações, o que trazia toda aquela cidade, afeiçoada, e espantada de procedimentos tão peregrinos» (Telles, 1645, p. 554).

⁴⁰ - “Do cabido saiu a história à praça; e tomando novas asas a ruim fama já corria pela cidade, que todos os nossos andavam de noite pelas casas de jogo, e que eram todos uns apóstolos falsos, e uns verdadeiros hipócritas” (Telles, 1645, p. 555) .

jesuítas estavam em casa a fazer os seus exercícios espirituais. Os delinquentes confessaram publicamente o seu crime e foram castigados. O segundo falso jesuíta foi descoberto por um mancebo que seguiu o tal Diogo de Jesus até ele entrar numa estalagem e foi de seguida avisar o meirinho. Todavia, quando o foram prender não o encontraram e nunca mais foi visto: “se transmudou de tal maneira, que nunca mais não absolveu, nem apareceu” (Telles, 1645., p. 557).

O que estes factos anedóticos demonstram é que a Companhia contou com a oposição da elite eclesiástica eborense, terão sido de facto os clérigos do Cabido que originaram estas maquinações contra os jesuítas, procurando criar má fama junto do público e em particular junto do arcebispo.

Na afirmação da Companhia em Évora distinguiram-se dois padres: Melchior Carneiro e Manuel Fernandes, que o cronista Teles considera as “duas primeiras e principias colunas do edifício de Évora” (Telles, 1645, p. 558). O primeiro viria a ser o primeiro Reitor do colégio, o segundo um afamado pregador, que já participara nas missões de 1550 e se dedicou a novas pregações em diversas cidades e vilas do arcebispado provando que a missionação era a principal finalidade da Companhia.

As obras para levantar o edifício começaram em 1554, utilizando uma parte da muralha da cidade: “Sobre este muro se edificaram quinze celas, no andar mais alto, e nos baixos se acomodaram as oficinas, com uma clastra quadrada, e uma capela para nela se dizer e ouvir missa” (Telles, 1645, p.317). D. Henrique, mesmo após ter decidido dar a casa aos jesuítas, mantinha a tenção de ter os seus colegiais com eles. E com essa ideia mandou alargar o edifício, mandando construir “ outro quarto da parte nascente, e viesse fazendo quadra pela parte do meio-dia, entestando com o lanço que primeiro fizera sobre o muro da cidade: e ficou tendo o edifício trinta celas, metade para os seminaristas e a outra metade para os jesuítas. Com a vinda do infante D. Luís a Évora, e com a sua intercessão nova mudança na ideia inicial: dar todo o edifício a Companhia, e construir outro edifício para os Colegiais e assim foi, a Companhia recebeu o edifício e as rendas que já lhe tinham sido dadas.

Como dissemos, foi em ambiente universitário nasceu a Companhia, e o próprio percurso de Inácio de Loiola comprova como o ensino universitário teria de ser indispensável para formar missionários, pois que só com a habilitação

universitária, dada pela graduação em Teologia, é que os padres podiam exercer o seu *munus* apostólico: administrar os sacramentos, pregar e confessar os crentes. Claro que para ingresso na universidade eram indispensáveis os preparatórios: Gramática latina e a Retórica, e daí a criação de colégios, muitos dos quais evoluíram para universidades, como aconteceu com o de Évora.

A ideia de criar a Universidade, ou de transformar o Colégio do Espírito Santo, em Universidade foi uma tendência de muitos colégios jesuítas na Europa católica (cf. Tabela infra), o que nos leva a considerar que a ideia terá sido dos jesuítas, embora oficialmente ela seja atribuída ao cardeal D. Henrique. Mas vejamos a sequência dos acontecimentos, ou como do Colégio se passou a Universidade.

No final de 1554 Francisco Borja vem a Évora agradecer a doação feita por D. Henrique e pregou na Sé de Évora, a pedido do próprio Cardeal (Telles, 1647, p. 323). Note-se que Francisco de Borja, neto do Vice-rei de Navarra e quarto duque de Gandia, ingressara na Companhia, em 1546, após o falecimento de sua esposa, renunciado ao título e bens, de certo modo imitando Inácio de Loyola. Deve-se a Francisco Borja a fundação da primeira Universidade jesuítica em Gandia, cujo edifício concebido para Colégio doou à Companhia de Jesus no ano que se iniciou a construção (1548). A Universidade foi confirmada com Bula de Paulo III de 3 de novembro de 1549, e confirmada pelo Imperador Carlos V. Por isso, não deve ser estranha a vinda de Francisco Borja a Évora em 1554, ano em que já era Comissário Geral dos Jesuítas em Espanha, para a ideia de transformar o recém colégio do Espírito Santo em universidade; afinal era esse o percurso natural e o modelo de Gandia estava certamente presente nas conversas e mente de todos.

Entretanto as missões dos Jesuítas no Alentejo continuavam com grande dinamismo, envolvendo agora, entre outros, o Padre Diogo Mirão, o P. Manuel Fernandes (homónimo do já referido anteriormente) e o P. Pero de Santa Cruz. Os estudos no Colégio revelavam grandes progressos. De facto, em 29 de Agosto de 1553, fez-se a abertura solene dos estudos, com a presença de Jerónimo Nadal e Diogo Mirão. Em Abril de 1554 “já havia mais de trezentos estudantes, e foi necessário acrescentar mais um mestre. Também para isso ajudou Sua Alteza que ordenou que mais nenhum professor de Latim ensinasse

em Évora” (Telles, 1647, p. 320). Este monopólio do ensino do Latim para os Jesuítas constituiu sem dúvida uma das principais razões para o sucesso do seu ensino. O próprio André de Resende, grande humanista residente em Évora e com escritos notáveis sobre a cidade, foi obrigado a abandonar o ensino do Latim⁴¹.

Os mestres foram recrutados entre os padres da Companhia e nestes primeiros tempos destacaram-se: Pedro de Perpinhão, na Retórica, P. João de Melo, na Gramática, juntamente com os irmãos, Roque Valenciano e Nuno Alvares Português, e Marcos Jorge para a Teologia Moral (que neste tempo ainda não era sacerdote, mas já tinha cabedal para ensinar a Teologia). Além dos estudos do Colégio, os padres jesuítas dedicavam-se ao catecismo, ensinando publicamente a doutrina aos domingos.

O progresso dos estudos, das missões e do catecismo, terá então convencido definitivamente o Cardeal D. Henrique e a pensar em novo passo, ou seja, transformar o colégio em Universidade:

[...] já dizia que era mui pouco quatro Mestres de Latim, e uma cadeira de casos, em razão dos muitos estudantes que acudiam (...) em resolução, começou a meditar, e começou a traçar uma nova Universidade em Évora (como a que estava já fundada em Coimbra), a qual entregasse à Companhia, para que nela se ensinassem todas as Ciências necessárias, para fazer um perfeito Pároco, e um Pregador costumado. (Telles, 1647, p. 335)

A esta pretensão do Cardeal e dos Jesuítas opôs-se a Universidade de Coimbra:

Articulavam os Lentes de Coimbra, que se perderia grande parte do lustre daquela Universidade, se não fosse a única no reino; e que sendo Portugal tão estreito, que escassamente tinha gente bastante para uma Universidade, como se havia de repartir em duas?(Telles, 1647, p. 336).

Em oposição aos lentes de Coimbra, o Infante Cardeal defendeu que a honra do Reino e glória divina seriam aumentadas se houvesse mais teólogos, para encaminhar as almas ao Ceu, e ensinar os ignorantes e acrescentava que

⁴¹ - Entre outras obras são conhecidas as Antiquidades de Évora, reeditadas várias vezes, nomeadamente, por Bento Farinha em 1785. Vaz, 1997, p. 144.

Coimbra estava muito distante do Alentejo e Algarve, que o reino ficaria “mais autorizado” com duas Universidades e que se comprometia a ajudar os estudantes que fossem pobres e, deste modo, já não faltariam estudantes para as duas Universidades.

Mas Coimbra pressionou de tal modo o rei D. João III, que o Infante só conseguiu que se passasse a ensinar em Évora um Curso de Artes, com início no ano de 1556, sendo Lente desse primeiro curso o P. Inácio Martins. O Cardeal, dada a grande oposição dos lentes de Coimbra e ao facto do próprio rei D. João III estar mais empenhado em promover e desenvolver a Universidade de Coimbra, perdeu por então a esperança de criar a sua Universidade em Évora.

Com a morte do Rei, em 11 de Junho de 1557, caiu por terra o principal obstáculo para fundar a Universidade de Évora. O Cardeal ficou em Lisboa para ajudar a Rainha D. Catarina nas lides governo, passou a ter um lugar de destaque nas decisões do governo, o que facilitou a sua vontade de criar a Universidade, vencendo a oposição dos lentes de Coimbra, que capitularam perante a vontade real. Assim, logo no ano seguinte, em 1558, D. Henrique envia súplica ao Papa Paulo IV para poder criar uma Universidade em Évora, cujo governo, e direção estivesse a conta da Companhia de Jesus. Deferiu favoravelmente a pretensão o Papa, que delegou no cardeal de Santo Ângelo Rainúncio, para emitir a bula:

[...]para fundar uma universidade, na qual se ensinassem as ciências necessárias (exceto Medicina, Direito civil, e o que pertence ao Direito canônico ao foro contenciosos) e para que nela se pudessem dar os graus de Bacharéis, Licenciados, Mestres e Doutores, como em Coimbra, precedendo os exames e mais cerimónias escolásticas, que se costumam na Universidade, a qual bula se passou em 18 de Setembro de 1558.343. (Telles, 1647, p. 338).

Em 13 de Abril de 1559 o Papa expeliu nova bula em que confirmou a anterior, estabelecendo para sempre Universidade de Évora, “com grandes privilégios, e amplíssimos poderes” a semelhança das outras universidades.

No contexto europeu, a Universidade de Évora foi a quarta universidade dos Jesuítas. Em termos de ensino universitário e em grande parte dada a

oposição dos lentes de Coimbra, a universidade não conferia os graus de Medicina e Direito Canônico. Contudo tinha o curso de Teologia e o curso de Artes. A companhia tinha uma rede de universidades que catalogamos na tabela seguinte:

Tabela - Universidades dos Jesuítas

Universidade	Ano ⁴²	País	Observações
Gandia	1547	Espanha	Fundação de Francisco de Borja. Suprimida em 1807.
Ingolstadt	1556	Alemanha (Baviera)	Fundada em 1459, transferida para Landsghut em 1800, depois para Munique em 1826.
Roma	1556	Itália	Colégio Jesuíta desde 1553
Évora	1559	Portugal	Suprimida em 1759
Pont-à-Mousson	1572	França	Transferida para Nancy em 1768
Palermo	1578	Itália	Colégio jesuíta desde 1560
Vilnius	1578	Lituânia	Confirmada por bula de 1579
Graz	1585	Áustria	Gymnasium ⁴³ desde 1573
Paderbora	1614	Alemanha (Vestefália)	Gymnasium desde 1585
Munster -Vestefália	1622	Alemanha (Renânia Norte)	Gymnasium jesuíta desde 1588. Universidade fundada em 1622-29. Privilégio em 1631, mas não se materializou
Mântua	1625	Itália	Suprimida em 1773
Osnabruck	1629	Alemanha (Baixa Saxónia)	Gymnasium jesuíta desde 1625. Suprimida em 1633
Trnava	1635	Eslováquia	Transferida para Budapeste em 1777-1784 e para Pozsony em 1784
Bamberg	1648	Alemanha (Baviera)	Seminário e gymnasium jesuíta desde 1586. Transferida para Vurtzburgo em 1803
Kassa (Kosice)	1657	Eslováquia	Fundação dos jesuítas.
Lwów	1661	Ucrânia	Privilégios confirmados em 1784
Nimes	1666	França	Fundada em 1539
Innsbruck	1668	Áustria	Gymnasium jesuíta desde 1562. Direito a conferir graus desde 1673.
Linz	1674	Áustria	Gymnasium jesuíta desde 1629. Só podia conferir graus menores.

⁴² - O ano é o da fundação, mas no caso de Universidades mais antigas, como Nimes e Ingolstadt, é a data em que os jesuítas passaram a controlar a instituição

⁴³ - Termo usado na Alemanha e países nórdicos para designar escolas ou colégio de ensino secundário, gramática e humanidades, tendo em vista a formação superior.

Estrasburgo	1685	França	Gymnasium jesuíta desde 1685.
Breslau	1702	Polónia	Gymnasium jesuíta desde 1659
Pau	1722	França	Tentativa dos jesuítas em 1629 não se materializou. Suprimida em 1793
Bona	1777	Alemanha	Gymnasium jesuíta desde 1730. Privilégio em 1784, encerrado em 1784

(Fonte: Frijhoff, 2002, p. 75-82)

A rede de universidades dos jesuítas que, como se vê na tabela, foi criada ao longo de mais de duzentos anos, tinha ainda colégios com estatuto de universidades e que como tal podiam conferir graus ainda que menores. De acordo com o autor que seguimos os colégios com estatuto universitário eram seis: Milão (1566), Praga (1566), Braunberg (1568), Tornon (1561), Fulda (1732) e Messina (1778). Acresce ainda o facto de os jesuítas terem influência determinante em mais duas importantes universidades europeias: a de Saragoça, a partir de 1583, e a de Mogúncia, a partir de 1563.

Considerações Finais

Nascida em ambiente universitário e no centro dos grandes debates teológicos do século XVI, a Companhia de Jesus, tal como a pensou Inácio de Loiola, tinha como principal finalidade a missionação, o que implicou desde cedo que os jesuítas se interessassem pelo ensino e particularmente pelo ensino universitário. Com efeito, iniciaram em 1547 a fundação de universidades próprias, por iniciativa de Francisco Borga, fundando a Universidade em Gandia, a que se seguiram em poucos anos a de Ingolstadt (1556), a de Roma (1556) e a de Évora (1559). O modelo de Gandia seria replicado para fundar as universidades, ou seja, muitos colégios ou *gymnasium* dos jesuítas evoluíram para universidades e assim a rede universitária, construída ao longo 200 anos, não parou de crescer e contribuiu para afirmação social e política da Companhia nos países católicos.

A Fundação da Universidade de Évora contou inicialmente com uma forte oposição, quer do Rei D. João III, quer da Universidade de Coimbra, desejava de manter o monopólio do ensino universitário em Portugal. Essa oposição só foi vencida com a persistência e vontade dos jesuítas e o seu principal protetor, o Cardeal D. Henrique. Uma questão que retiramos deste percurso e evolução

Shigunov Neto, Alexandre; Fortunato, Ivan e Machado, Maria Cristina Gomes (org.).
Educação e atuação dos jesuítas no Brasil, América Latina e Europa. São Paulo:
Edições Hipótese, 2019.

do ensino universitário, é compreender o que distinguia os Jesuítas das outras ordens, o quê que os seguidores de Santo Inácio tinham de diferente? A resposta que podemos dar, e que exige novas investigações, é que a Companhia tinha uma vocação ecuménica e por isso, não se sujeitou a uma lógica nacional. Esse sentido ecuménico que posteriormente o P. António Vieira resumira numa máxima célebre, “ Deus deu-nos para nascer uma terra, para morrer o mundo”, implicou que um dos meios mais adequados a essa vocação universalista fosse a Universidade e o ensino universitário. Universidade e Companhia partilhavam dessa característica transnacional, ecuménica e universalista. Por outro lado, a Universidade era a instituição que custodiava o conhecimento e onde a Teologia, considerada ainda a Ciência maior, era ministrada e como tal era indispensável para a formação de padres missionários.

Bibliografia

- BOSSUET, Jacques B. (1702). **Politique Tirée des propre paroles de L'Écriture Sainte**. Paris: Chez Pierre Cox.
- CÂMARA, Luís Gonçalves da. (2005). **Autobiografia de Santo Inácio de Loiola**. Braga: Editorial A.O. -Braga. Trad. De António José Coelho.
- DELUMEAU, Jean e COTTRET, Bernard (2012). **Naissance et affirmation de la Réforme**, Paris: PUF.
- DENIMAL, Éric. (2009). **Calvino. O Arauto de Deus**, Mem Martins: Publicações Europa América.
- FEBVRE, Lucien. (1942). **Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle. La religion de Rabelais, L'évolution de l'humanité**. Paris, Albin Michel.
- FEBVRE, Lucien.(1976).**Martinho Lutero: Um Destino**, Amadora: Livraria Bertrand.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. (2000). **O Aparecimento do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FRANCO, António (1719). Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no **Real Colegio de Jesus de Coimbra** em PortugalCoimbra, no Real Collegio das Artes.
- LEFRANC, Abel.(1893). **Histoire du College de France, depuis ses origines jusqu' a la fin du Premier Empire**. Paris: Hachette.

Shigunov Neto, Alexandre; Fortunato, Ivan e Machado, Maria Cristina Gomes (org.).
Educação e atuação dos jesuítas no Brasil, América Latina e Europa. São Paulo:
Edições Hipótese, 2019.

MONTEIRO, Miguel. (2009). Características educativas inicianas. algumas reflexões. **REVUE**. Évora: Universidade de Évora, n. 10-11, p. 62-77.

PEDROSO, Dário. (2007). **Em Tudo Amar e Servir. Vida de Santo Inácio de Loiola**, Braga, Editorial A.O.

PEREIRA, Sara Marques eVAZ, Francisco (coord.). (2012A). **Universidade de Évora: 450 anos de modernidade educativa**. Lisboa: Chiado.

PÉRONNET, Michel. (1981). **Le XVIe Siécle**. Paris: Hachette.

POLONIA, Amelia. (2006). **D. Henrique**. Lisboa, Círculo de Leitores.

RUEGG, Walter. (2002)**Uma História da Universidade na Europa, coord. de, vol. As Universidades na Europa Moderna (1500-1800)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

SILVA, Jose Seabra. (1767), **Dedução Cronológica e Analítica**. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa.

TELLES, Baltazar.(1645).**Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal**. Lisboa: Paulo Craesbeeck (Volume 1).

TELLES, Baltazar.(1647).**Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal**.Lisboa: Paulo Craesbeeck (Volume 2).

VAZ, Francisco. (1997). A cidade de Évora na vida e obra de Bento Farinha. **A Cidade de Évora. Boletim da Camara Municipal de Évora**. Évora: Câmara Municipal, 2ª serie, n. 2, p. 447-492.

VAZ, Francisco.(2016) O ensino dos jesuítas na Universidade de Évora: Uma leitura dos primeiros estatutos. **Revista História e Educação**, vol. 20. Nº 48, p. 159-174.

VAZ, Francisco; Pereira. Sara. (2012B) **Antologia de Textos da Universidade de Évora**. Lisboa: Chiado.